



## **TRILHANDO OS CAMINHOS DA ALFABETIZAÇÃO: AQUISIÇÃO DA LEITURA**

Cleberson Cordeiro de Moura<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo tem por objetivo ampliar conceitos sobre a alfabetização, à medida que expõe elementos constitutivos no processo de apropriação da leitura. Apresenta o professor e sua formação como fatores que contribuem na aprendizagem dos educandos. Ressalta o valor da leitura e a influência do contador de histórias na formação do leitor. Buscou-se para tanto a contribuição de vários autores como: Freire (1996), Libâneo (2004), Soares (2000), Amarilha (1997), Tfouni (2005), Solé (1998), Villardi (1999) dentre outros que abordam o tema. Na sociedade contemporânea, fica em evidência a necessidade do domínio da leitura, visto que é essencial na relação da comunicação dos sujeitos aprendentes em um mundo globalizado. Averigua-se por meio dessa pesquisa embasada por estudos bibliográficos que a alfabetização vinculada à aquisição da leitura, depende de contextos nos quais os atores sociais estão inseridos e das “ferramentas” que serão utilizadas para estimulá-los, possibilitando assim, a construção de conhecimentos e a formação de leitores autônomos.

**Palavras-Chave:** Alfabetização, Leitura, Escrita, Formação do professor, Ensino- aprendizagem.

### **1 INTRODUÇÃO**

O processo de alfabetização tem sido um dos temas mais debatidos nos últimos anos no meio educacional, visto que as dificuldades em alfabetizar é um desafio que necessita de estudos, pois, mesmo com uma variedade de métodos utilizados para se ensinar a ler e escrever existe uma grande quantidade de crianças, jovens e adultos que não aprende.

No que concerne à primeira etapa da educação básica, sabe-se há necessidade de um trabalho com elementos da ludicidade, haja vista, as peculiaridades de tal fase. Nesse sentido, possa possibilitar um processo de ensino com resultado satisfatório, é imprescindível compreender que práxis adota-se no campo teórico e prático.

O grande desafio do educador é assegurar uma trajetória que o aspecto pedagógico, considerado central, torne-se parte integrante de um contexto que priorize as formas de pensar, sentir e atuar dos sujeitos aprendentes, permitindo não só a permanência destes em sala de aula, mas que sejam partícipes no processo de ensino aprendizagem.

---

<sup>1</sup> Pedagogo pela Universidade Estadual Vale do Acaraú- UVA. Psicopedagogo Institucional e Especialista em Educação Infantil-Faculdade de Pinhais- FAPI. Especialista em Estratégia de Saúde da Família e Gestão Educacional Integrada-Faculdade de Excelência Educacional do Rio Grande do Norte- FATERN. Especialista em Educação de Jovens e Adultos com ênfase no Sistema Prisional. Pós- graduando em Educação Permanente Saúde em Movimento- Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS. Mestrando em Educação Inclusiva- Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias- ULHT.clebersonpsicopedagogo@gmail.com

Nessa ótica, todo o processo de alfabetização precisa estar implantado em um contexto amplo, haja vista, envolver fatores, pedagógicos, psicológicos, sociológicos, linguísticos, culturais, entre outros, que implicam direta e indiretamente na aprendizagem desses sujeitos.

Nesse sentido, o referido artigo tem por intuito ampliar conceitos sobre a alfabetização, possibilitando por meio de pesquisas bibliográficas, uma reflexão a respeito da aquisição da leitura, como também, os mecanismos que poderão ser utilizados para desenvolver o gosto pela leitura. Para tanto, utilizou-se os pensamentos teóricos de Freire (1996), Libâneo (2004), Soares (2000), Amarilha (1997) entre outros que contribuíram na elaboração deste.

## **2 A ALFABETIZAÇÃO NA CONCEPÇÃO SÓCIO-INTERACIONISTA**

Ao longo da história o conceito de alfabetização se identificou ao ensino-aprendizado da escrita, que quer dizer, do sistema alfabético da escrita, o que em linhas gerais, significa na leitura, a capacidade de decodificar os sinais gráficos, transformando-os em “sons” e na escrita, a capacidade de decodificar os sons da fala, transformando-os em sinais gráficos. Com um olhar crítico a esse pensamento, Soares (2000, p.01) diz:

Ser alfabetizado, isto é, saber ler e escrever, tem se revelado condição insuficiente para responder adequadamente às demandas contemporâneas. É preciso ir além da simples aquisição do código escrito, é preciso fazer uso da leitura e da escrita no cotidiano, apropriar-se da função social dessas duas práticas, é preciso letrar-se.

Como se pode depreender, o conceito de alfabetização foi ampliado e confirma-se a tese de que a escrita não se reduz ao domínio de correspondências entre grafemas e fonemas (a decodificação e codificação), mas se distingue como um processo ativo, por meio do qual a criança, desde os seus primeiros contatos com a escrita, construiria e reconstruiria hipóteses sobre a natureza e o funcionamento da língua escrita, compreendida como um sistema de representação. Analisando o exposto, Tfouni (2005, p.10) confirma:

A escrita é [...] de fato, o resultado tão exemplar da atividade humana sobre o mundo, que o livro, subproduto mais acabado da escrita, é tomado como uma metáfora do corpo humano: fala-se nas “orelhas”; na sua página de “rosto”, nas notas de rodapé e o capítulo nada mais é do que a “cabeça” em latim.

A confrontação com a realidade faz pensar a cada instante, são exigidas habilidades por práticas de leitura e de escrita, não só na chamada “cultura do papel”, como também, nas novas tecnologias que estão surgindo a cada momento. Essas razões se igualam com a reflexão de Soares (2000, p.01) quando diz: “Se a criança sabe ler, mas não é capaz de ler um

livro, uma revista, um jornal, se sabe escrever palavras e frases, mas não é capaz de escrever uma carta, é alfabetizada, mas não é letrada”. Atrelado ao que foi explícito Freire (1988 *apud* RAMEH e ARAÚJO, 2006, p.26-27) ressalta:

[...] o ato de ler [...] não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas [...] se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta, não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser aclamada por sua leitura crítica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

As ideias anteriormente colocadas por Tfouni e ratificadas por Freire são ditas também em síntese por Soares (2001 *apud* RAMEH e ARAÚJO, 2006, p.72): “tornar-se letrado trás, também, consequências linguísticas”. Pelo que ficou em evidência, percebe-se que o conceito de alfabetização ampliou-se e faz-se conveniente que os procedimentos didáticos de alfabetização acompanhem essa nova concepção que substitui os métodos de cartilhas, baseadas no ensino de uma maneira mecânica, transposição da forma sonora da fala à forma gráfica da escrita, para um paradigma que leve as crianças a conviver, experimentar e dominar as práticas de leitura e de escrita que circulam na sociedade tão centrada na escrita.

## 2.1 O PAPEL DO PROFESSOR: um novo olhar sobre a criança

O modelo de educação tradicional adotado á décadas, baseados em cartilhas e nos exercícios de fixação favorecia a não reflexão por parte dos alunos e também do professor. Essa linha de trabalho se expressa em um paradigma da aprendizagem como “estímulo-resposta”, ou seja, o aluno precisava memorizar e fixar informações que serão acumuladas com o decorrer do tempo. A cartilha, material indispensável refletia a ideia de língua escrita como transcrição da fala, “os supostos textos” na verdade era um amontoado de frases sem conexão e sentido.

Nessa concepção, Cagliari (2003, p.42-43) diz que o aprendiz era considerado “[...] o marco zero de uma caminhada, uma página em branco”, que seria preenchida com o repasse de informações do professor, considerado o dono do saber, aquele que detinha o conhecimento. Mas, nos dias atuais é ultrapassado pensar dessa forma. Sabe-se que o educando não chega à escola “vazio” e sim, trás de sua prática cotidiana um rol de conhecimentos prévios que o professor deve aproveitá-los no processo de construção do

conhecimento científico, utilizando em sala de aula, selecionando e organizando conteúdos que estejam interligados com as suas experiências.

Vale salientar que as atividades desenvolvidas não devem somente estar ligadas aos conteúdos programados pelo professor e pela grade curricular da escola. Devem, principalmente, está centralizado para os trabalhos que os alunos realizam por curiosidade, interesse, vontade; que sendo conduzidos pelo professor levará a construção do conhecimento. Nessa visão, os PCN's Vol.2 (2001, p.40) diz:

O professor é visto então como facilitador no processo de busca de conhecimento que deve partir do aluno. Cabe ao professor organizar e coordenar as situações de aprendizagem, adaptando suas ações às características individuais dos alunos para desenvolver suas capacidades intelectuais.

Percebe-se, então, nesse contexto que o aluno passou a ter um papel de destaque na educação, sendo o “ator principal” no processo de aprendizagem. E o professor que antes era visto como ditador, detentor do conhecimento, passou a ser chamado “mediador” entre o saber e o aluno. Parafraseando o que foi colocado, fica claro que ser mediador é ser um colaborador do aluno na construção de seus conhecimentos, passando informações adequadas, explicando o que tem de ser explicado, fazendo com que os educandos desenvolvam suas habilidades. Dessa forma, os PCNs Vol. 2 (2001, p. 102) afirmam:

Sem dúvida, durante toda escolaridade, a aprendizagem dos alunos depende muito da intervenção pedagógica do professor. Entretanto, no primeiro ciclo ela assume uma característica específica, pois além de todos os conteúdos escolares a serem aprendidos, há um conjunto de aprendizados decorrente de uma situação nova para a maioria dos alunos [...].

Esse pensamento confirma a tese de que o professor, principalmente o alfabetizador, requer um aprofundamento mais consistente, não só das questões metodológicas e didáticas, mas também, o conhecimento da realidade sociocultural dos educandos, dos diversos mecanismos que possam ser facilitadores do processo de alfabetização e letramento. Reafirmando esse pensamento, Freire (1996, p.14), diz: “É nesse sentido que re-insisto em que formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas”.

Dessa forma, fica claro que a formação do professor, em geral, tem que ser desenvolvida solidamente, aprofundando capacidades operativas exigidas na profissão e que os cursos de formação continuada devem refletir as necessidades locais de cada região.

Essa mediação que tanto se faz necessária no processo de construção dos conhecimentos dos alunos e que é pautada pela qualificação dos profissionais de educação, tem que ser mediada pedagogicamente, possibilitando o diálogo, a formação de competências

e a formação humana. A esse respeito, Gutierrez e Pietro (1994 *apud* CORRÊA, 2003, p.47) explicita:

A mediação pedagógica consiste no tratamento dos conteúdos e das formas de expressão dos diferentes temas, a fim de tornar possível o ato educativo dentro do horizonte de uma educação concebida como participação, criatividade, expressividade e racionalidade. Nesse caso, não interessa apenas transmitir uma informação, mas uma informação mediada pedagogicamente.

De tudo que se disse, conclui-se que as novas condições de aprendizagem e, conseqüentemente, de ensino da língua escrita e falada, supõe o domínio, pelos educadores, de conhecimentos e habilidades específicos em tal área.

## 2.2 O PAPEL DA ESCOLA: Compartilhando responsabilidades

Sabe-se que as crianças são dotadas de conhecimentos adquiridos no seu cotidiano, com os seus pais, irmãos, vizinhos, colegas, enfim, no seu contexto social. Mas, é tarefa da escola sistematizar e organizar esses conhecimentos transformando-os em conhecimentos científicos que reforce a uma ação e reflexão do aluno, formando seres críticos. Dessa forma, Ferreiro (1999 *apud* SILVA, 2006, p.13) esclarece:

[...] é tarefa da escola ensinar as crianças a ler e também a gostar de ler. É óbvio que este trabalho se torna mais fácil quando há estímulo da família, mas não se pode contar com isso [...]. Na verdade, ensinar a gostar de ler não é simples, nem quando os estudantes têm bons modelos em casa. Muitas vezes, os principais responsáveis pela pouca vontade de ler dos alunos são as atividades escolares. Preencher fichas de interpretação, responder questionários [...] são exemplos de práticas que desestimulam o aluno.

Pelo exposto fica nítido que para evitar a ocorrência de descontentamentos e desilusões que culminam em frustrações e principalmente evasões, são necessárias ações motivadoras e prazerosas que implementem, com o intuito de instigar no aluno o gosto pela leitura. Portanto, deve-se preparar um ambiente alfabetizador, ou seja, “aquele em que há uma cultura letrada, com livros, textos - digitais ou em papel -, um mundo de escritos que circulam socialmente” (TEBEROSKY, 2005, p.25).

Dessa forma, percebe-se que a escola de hoje não pode limitar-se a passar informações sobre as matérias, a transmitir conhecimentos do livro didático, a fazer com que o aluno aprenda a ler e escrever e dizer que é alfabetizado. Sobre a escola, Libâneo (2004, p.52) afirma:

Nela, os alunos aprendem a atribuir significados às mensagens e informações recebidas de fora, dos meios de comunicação, da vida cotidiana, das formas de educação proporcionadas pela cidade, pela comunidade. O professor tem aí seu

lugar, com o papel insubstituível de provimento das condições cognitivas e afetivas que ajudarão o aluno [...]. O valor da aprendizagem escolar, com ajuda pedagógica do professor está justamente na sua capacidade de introduzir os alunos nos significados da cultura e da ciência por meio de mediações cognitivas e interacionais.

Mas, o papel da escola não se limita apenas a uma práxis pedagógica que construa o conhecimento do aluno. É tarefa da escola formar cidadãos, para tal tarefa é necessário que toda a comunidade escolar: professores, gestores, pessoal técnico, administrativo, pessoal de apoio, setor pedagógico, instituições auxiliares promovam a educação. Aliás, toda a comunidade deve participar, criando condições e buscando recursos, para que os pais e educadores possam desempenhar sua missão. Segundo Gadotti e Romão (1997 *apud* LIBÂNEO 2004, p. 139): “Todos os segmentos da comunidade podem compreender melhor o funcionamento da escola, conhecer com mais profundidade os que nela estudam e trabalha, intensificar seu envolvimento com ela e, assim, acompanhar melhor a educação ali oferecida”. Lançando um olhar sobre a fala de Libâneo percebe-se que só assim a escola deixará de ser um meio de perpetuar os vícios da sociedade. Nessa reflexão, Schmitz (1982, p.28) diz que a escola será:

Um lugar, um ambiente em que as crianças ou jovens se reúnem entre si e com educadores profissionais, para tomarem consciência mais profunda de suas aspirações e valores mais íntimos e mais legítimos, e tomarem decisões mais esclarecidas sobre sua vida, a partir de aprendizagens significativas.

Daí, a necessidade da escola ter profissionais comprometidos com a educação, que desenvolvam seus papéis com responsabilidade. Essa integração faz com que os diversos setores que estão inseridos no contexto escolar se inter-relacionem cada um com a sua função, mas com um único objetivo: construir o conhecimento do aluno, de forma que a levá-los ser cidadãos.

### **3 O PODER DA LEITURA: Formando Bons Leitores**

A leitura possui uma relevância significativa na vida do ser humano, pois representa um papel essencial, sendo um dos pilares na construção do conhecimento. Ela abre novos horizontes, faz o indivíduo “viajar o mundo sem sair do lugar”, dá interpretações infinitas que jamais se pensou interpretar. Diante do que foi exposto, Resende (1993, p.164) declara:

A leitura é um ato de abertura para o mundo. A cada mergulho nas camadas simbólicas dos livros, emerge-se vendo o universo anterior e exterior com mais clareza. Entra-se no território da palavra com tudo o que se é e se leu até então, e a volta se faz com novas dimensões, que levam a re-inaugurar o que já se sabia antes.



Analisando a citação de Resende, percebe-se que o ato de leitura aprimora a oralidade e a postura do indivíduo, pois quem lê sabe mais, pensa melhor, compara ideias, critica com coerência, ou seja, desenvolve habilidades intelectuais, cognitivas e sociais. Cabe a intervenção do professor e da escola em intervir na realidade. Nessa perspectiva, afirmam os PCN's Vol. 2 (2001, p. 58):

Para tornar os alunos bons leitores – para desenvolver, muito mais do que a capacidade de ler, o gosto e o compromisso com a leitura – a escola terá de mobilizá-los internamente, pois aprender a ler (e também ler para aprender) requer esforço. Precisarão fazê-los achar que a leitura é algo interessante e desafiador, algo que, conquistado plenamente dará autonomia e independência. Precisarão torná-los confiantes, condição para poderem se desafiar a “aprender fazendo”. Uma prática de leitura que não desperte e cultive o desejo de ler, não é uma prática pedagógica eficiente.

Fica claro, que o educador desde o primeiro contato com o aluno deve estimular a leitura, atribuindo significado. É preciso que os professores ajudem os alunos a descobrirem nos textos sua face mais pessoal e prazerosa, sua dimensão mais encantadora e envolvente. Exercitar a leitura é essencial para a formação de bons leitores, dessa forma a escola tem um papel fundamental no desenvolvimento dessa habilidade. Em consonância com o que foi dito, Solé (1998, p.39) esclarece:

Muitos alunos talvez não tenham muitas oportunidades, fora da escola, de familiarizar-se com a leitura, talvez não vejam muito adultos lendo, talvez ninguém lhes leia livros com frequência. A escola não pode compensar as injustiças e as desigualdades sociais que nos assolam, mas pode fazer muito para evitar que sejam acirradas em seu interior. Ajudar os alunos a ler, a fazer com que se interessem pela leitura, é dotá-los de um instrumento de aculturação e de tomada de consciência cuja funcionalidade escapa dos limites da instituição.

Explicando o pensamento de Sole, percebe-se o “poder” que a leitura tem na vida das pessoas, é inegável, torna-se baluarte na participação permanente da comunicação. Por meio dela pode-se expressar desejos, sentimentos e defender pontos de vista. Por isso, é mais do que necessário ensinar nossos alunos a compreenderem as palavras, a compreenderem o mundo.

### 3.1 GOSTO PELA LEITURA: O despertar

Sempre se fala da importância da leitura, mas pouco se tem feito no sentido de instrumentalizar o educador para a realização deste trabalho, principalmente no que diz respeito ao desenvolvimento do hábito de ler. Para Villardi (1999 p. 03-04):



[...] ler é construir uma concepção de mundo, é ser capaz de compreender o que nos chega por meio da leitura analisando e posicionando-se criticamente frente às informações colhidas, o que se constitui como um dos atributos que permitem exercer, de forma mais abrangente e complexa, a própria cidadania.

Sob a luz dos pensamentos de Villardi fica explícito que ensinar a ler e escrever é sem dúvida, uma das tarefas da escola, embora um número significativo de crianças e adolescentes fracassem diante de oportunidades que lhes são oferecidas. Nesse sentido, Amarilha (2003 *apud* BEZERRA, p. 17) diz: “Ler é uma atividade extremamente complexa e envolve problemas não só fonéticos, semânticos, culturais, mas ideológico e filosófico”. Mais uma vez fica clara a participação da escola na formação do leitor e o despertar do gosto pela leitura. Dessa forma, segundo Zilberman (2004, p.27):

A escola constitui um espaço por excelência de aprendizagem, valorização e consolidação da leitura, cooperando com o processo de legitimação da literatura e da escrita do mundo capitalista. Ela conta por seu turno, com uma história especial, de que fazem parte as diferentes filosofias educacionais, as concepções relativas aos processos de ensino, o modo de organização do aparelho pedagógico.

A leitura na escola tem se tornado fundamentalmente, um objeto de ensino. Para que possa constituir-se como um objeto de aprendizagem, é necessário que chame atenção do aluno, que faça sentido, deve corresponder a suas expectativas. Segundo Villardi (1999, p.11) “há que se desenvolver o gosto pela leitura afim de que possamos formar um leitor para toda vida”. Parafraseando Villardi, formar um leitor para toda a vida é formar alguém capaz de compreender o que lê, analisar o que está escrito nas entrelinhas, que faça relação entre o que está lendo e textos que já foram lidos, que faça a leitura da palavra, que faça a leitura do mundo.

Faz-se então necessário proporcionar aos alunos o contato com os mais diferentes tipos de materiais escritos e, que esta multiplicidade permita que eles percebam os diversos tipos de linguagem, bem como, que internalize a utilização específica de cada um deles, de acordo com a situação. Livros, revistas em quadrinhos, jornais, panfletos, rótulos, tudo deve chegar às mãos dos alunos, ou seja, está disponível no espaço da sala de aula ou da sala de leitura. Formar leitores requer condições que estimulem a prática e o gosto pela leitura. Nessa visão, Silva (1986 *apud* BEZERRA, 2008 p.19) diz: “O leitor é escritor, é aquele que exerce a leitura e a escrita, sabe por que faz, escolhe o que quer lê, escreve e tem o destino claro para as suas produções, sabe que elas representam momentos que se sucedem e se superam, que são apenas uma parte do que pode fazer”.

Sendo assim, o exercício da leitura possibilita aos alunos revelarem suas intenções, suas hipóteses, suas ideias, suas sugestões sobre o que está sendo lido. Sendo assim, os alunos



constroem suas principais experiências de leitura. Enfim, deve-se proporcionar o máximo possível, momentos de leitura, livre, mediada, estimulada, mas sempre buscando montar, um ambiente que respeite o gosto da criança pela leitura.

### 3.2 O Contador de histórias e a formação do leitor

O contador de histórias tem papel fundamental na formação do leitor. Esse personagem é considerado “elemento aglutinador de interesses múltiplos e desencadeador dos processos que favorecem o gosto pela leitura e possibilitam a formação de leitores” (GOMES 2003 *apud* AMARILHA, 2003, p. 224).

Parafraseando Gomes, percebe-se que contar histórias é um mecanismo lúdico de leitura que pode alterar o contato conflituoso entre os alunos e os livros literários, erradicando assim, o “rótulo” de cansativo, estressante, melancólico, desinteressante atribuído ao ato de ler. A contação de história sem dúvida tem o “poder” de transferir tais pressupostos para outro pensar, no sentido de formar leitores assíduos e atingir a finalidade pretendida de formar leitores experientes e autônomos. Corroborando com esse pensamento, Gomes (2003 *apud* AMARILHA, 2003, p. 225-226) diz:

Contar histórias é permutar sentimentos entre aquele que conta e os que ouvem, em clima de envolvimento e afetividade com o texto. É também indicar aos leitores o caminho da biblioteca, livrarias, salas de leitura, sinalizado pela vontade de aprender a conhecer mais e “viajar” pelo inusitado mundo ficcional, onde o gosto e o imaginário firmam o passaporte de embarque.

Nesse prisma, se faz necessário despertar no ouvinte o prazer pela leitura, tendo em vista que esses os educandos irão expressar seus sentimentos e seus conhecimentos para poderem construir a sua humanidade. Pelo exposto, destaca-se a importância do contador de história e o “poder” que tem a oralização. Em consonância com esse pensamento, Amarilha (1997, p.22) declara:

[...] a oralização tem a finalidade de enriquecer a bagagem antecipatória do leitor, buscando familiarizá-lo com as estratégias da narrativa, por conseguinte, com as convenções da escrita. Essa prática, portanto, pode de fato introduzir a criança a leitura da literatura e não afastá-la, como se poderia supor. Em efeito, as crianças de todas as faixas etárias procuram para empréstimo os livros das histórias lidas ou contadas em sala de aula – o que demonstra que a oralidade não só atrai o leitor para o livro, como também o encoraja a enfrentar a escrita no silêncio.

Sob a luz do pensamento de Amarilha, percebe-se que o ato de contar histórias mostra características do lúdico e a fantasia no que é oralizado, cuja relação prazerosa acontece no

âmbito próprio à brincadeira simbólica, de forma divertida, sendo a forma para o ficcional, ou seja, o mundo da ludicidade.

Confirmando essa ideia, Dohme (2003, p.29) expõe: “histórias contadas propiciam aos ouvintes a atenção e raciocínio, o senso crítico, a imaginação, a criatividade, a afetividade e a transmissão de valores.” Ratificando a ideia de Dohme e destacando o “valor” do contador de histórias, Benjamin (1999, p.197) faz suas considerações e resume dizendo que a imagem do narrador especificamente do conto de fadas, como: “uma figura entre os mestres e os sábios”. Ele sabe dar conselhos não para alguns casos [...] mas para muitos casos, mas como o sábio [...]. “O narrador é a figura na qual o justo se encontra consigo mesmo”. Acrescentando Bragatto Filho (1995, p.87) diz:

[...] o professor que ler para os alunos e souber desempenhar bem este ofício, ampliará em significação o texto lido, pois faz diferentes entonações, pausas, utiliza gestos, olhares e outras expressões fisionômicas, configurando tudo isso uma gama de sinais que auxilia no entendimento do texto lido. [...] O leitor, entendendo o texto, procura se entender e busca também o entendimento do próprio mundo em que se situa.

Fica claro a importância do contador de histórias na formação do leitor, mas é necessário dá espaços de discussão nas atividades de contação para os alunos, para que eles possam expor suas ideias, suas competências de “sujeito falante”, favorecendo sua atuação. Enfim, não se pode esquecer o essencial para a formação do leitor, a determinação de ser um professor, um mediador, um narrador, ou seja, um contador de histórias.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente artigo contribuiu para discussão a respeito sobre a alfabetização e o processo de aquisição da leitura; as informações apresentadas remete a uma reflexão sobre as práticas pedagógicas, a execução de mudanças significativas que promovam a prática da leitura. Nesse sentido, vale ressaltar que a qualificação profissional precisa favorecer o desenvolvimento de mecanismos, competências e habilidades para novas práticas que contribuam na construção de conhecimentos dos alunos.

Este conhecimento, sem dúvida, dependerá, também, do comprometimento do profissional em estimular o aluno pelo gosto da leitura. Essa ideia ratifica a necessidade de uma reflexão das práticas pedagógicas que contemplem as experiências prévias dos alunos e a importância da leitura em sala de aula. O presente trabalho fez despertar a visão mais ampla

sobre a leitura e a urgência de repensar sobre as práticas que estão sendo adotadas em sala de aula. E mais ainda, a importância dos professores como sujeitos capazes de formar leitores comprometidos com a leitura. Portanto, fica em evidência o valor do estudo sobre o tema abordado, proporcionando a ampliação de conhecimentos e habilidades que contribuirão para as práticas e para desenvolver o gosto pela leitura.

## REFERÊNCIAS

AMARILHA, M. **Estão mortas as fadas?** Literatura Infantil e Prática Pedagógica. Petrópolis: Vozes, 1997.

BATISTA, Z de A. **A importância da leitura nas séries iniciais do Ensino Fundamental.** Monografia, 25f. Depto. de Ensino de Graduação – DEG – Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Ceará-Mirim, 2008.

BENJAMIM, W. **Magia e Técnica, Arte e Política, Ensaios sobre literatura e história da cultura.** 4ª. Ed Vol.1 São Paulo: Brasiliense 1999.

BEZERRA, J. C. M.I.C. **Leitura Significativa no Ensino Fundamental.** Monografia, 35f. Departamento de Ensino de Graduação – DEG – Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Macaíba, 2008.

BRAGATTO FILHO. P. **Pela leitura literária na Escola de Primeiro Grau.** São Paulo. Ática, 1995.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa.** Brasília/DF: MEC, SEF, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.** Brasília/DF: MEC, SEF, 1998.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetizando sem o BÁ-BÊ, BI, BO-BU.** São Paulo: Scipione, 1998.

CORRÊA, J. **Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação; novas estratégias de ensino/aprendizagem.** In: COSCARELLI, C.V. (Org). Novas Tecnologias, Novos Textos, Novas Formas de Pensar. 2ª. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

CUNHA, F. I. B. da; PINTO, É. N. A. **Fazendo Uso de Recursos e Técnicas Didáticas na Sala de Aula.** In: DANTAS, J.D.S; TAVARES, A; GOMES, T. (Orgs) Pedagogia Freinet: Teoria e Pesquisa. Vol.2 Natal: CARTGRAF Editora, 2003 (Coleção Prática Pedagógica).

DOHME, V. **Técnicas de contar história.** São Paulo: Informal, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários a prática educativa,** Paulo Freire. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

GOMES, A. L. **O Contador de Histórias na Formação do Leitor de Literatura.** In: AMARILHA, M. (Org.) Educação e Leituras: Trajetória de Sentidos. João Pessoa: Edição da UFPB – PPG Ed/UFRN, 2003.

LEITE FILHO, A. **Proporções para uma educação infantil cidadã.** In LEITE FILHO, Aristeo; GARCIA, Regina. L. (Orgs) Em defesa da Educação Infantil . Rio de Janeiro: DP e A, 2001.

LENNER, D. **É possível ler na escola?.** Revista Leitura y via – Trad: Daniel Revan, Maíra Libertad Soligo. Takemos, Rosângela Moreira Veliago e Suzana Mesquita Moreira. Argentina, Nº 1 p.1, Mar/1996.

LIBÂNEO, J.C. **Organização e Gestão da Escola: Teoria e Prática.** 5ª. Ed, Goiânia: Alternativa, 2004.

MARTINS, M. A. das N. S. **Contribuição das Cantigas de Roda no Desenvolvimento Cognitivo da Criança da Educação Infantil.** In: AMARILHA, M. (Org.) Educação e Leitura: Trajetória de Sentidos. João Pessoa: Edição da UFPB- PPG Ed/UFRN, 2003.

RAMEH, L., et.al **Aprimorando-se com Paulo Freire em Alfabetização e Letramento.** Vol. VI. Recife: Bagaço, 2006. (Coleção Paulo Rosas).

RESENDE, V. N. **Literatura Infanto Juvenil. Vivências de leitura e expressão criadora.** Rio de Janeiro: Saraiva, 1993.

SCHMITZ, E.F. **Didática Moderna.** Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1982.

SILVA, Z. G. da. **O processo de alfabetização no 1º Ciclo. Trabalho de intervenção sócio-escolar.** 51f. Depto de Ensino de Graduação – DEG – Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Santo Antônio, 2006.

SOARES, M. B. **Letrar é mais que alfabetizar.** Jornal do Brasil, São Paulo, 26.Nov.2000. Entrevista concedida a Eliane Bardanachvile.

SOLÉ, I. **O prazer da leitura.** Porto Alegre: Artmed, 1994.

TFOUNI, L.V. **Letramento e Alfabetização.** 7ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2005.

VILLARDI, R. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira /** Raquel Villard. Rio de Janeiro: Quality Mark/Dúnya – Ed, 1999.

ZILBERMAN. R. **A leitura do Brasil: Sua Histórias e Suas instituições.** Rio de Janeiro: Ática, 2004.